

TERAPIA DE FAMÍLIA COM CRIANÇAS: A MÁGICA POSSÍVEL

ARTIGO

FAMILY THERAPY WITH CHILDREN: THE POSSIBLE MAGIC

RESUMO: A terapia de família surgiu a partir de uma mudança epistemológica e se instalou na sociedade como efeito das dificuldades que os modelos tradicionais apresentavam quando se tentava abordar as relações familiares. Atualmente, a maneira de se pensar as dificuldades que as crianças apresentam – emocionais, relacionais, de aprendizagem – mudou, e em lugar de vê-las como portadoras de um problema se tende a ampliar o olhar para vê-las como parte de um contexto, participantes de uma rede de comunicações entre os seus responsáveis e levando em conta as possíveis contradições que ocorrem no encontro de modelos familiares diferentes. A autora, a partir da descrição da história de uma terapia, ilustra as alternativas e possibilidades que foram trazidas ao campo da terapia por autores representativos das correntes críticas pós-modernas.

PALAVRAS-CHAVE: terapia de família, narrativa, criatividade, colaboração

ABSTRACT: Family therapy emerged as a result of the difficulties involved in traditional models when trying to deal with family relationships. Currently, has changed the way of thinking about children's difficulties and instead of seeing them as bearers of a problem tends to widen the eyes to see them as part of a context, as part of communicational network between their caregivers and taking into account the possible contradictions between different family models.

The author, from his description of a therapy story, illustrates the alternatives and possibilities that contributed to the field of therapy by current authors representing the postmodern critical currents.

KEYWORDS: family therapy, narrative, creativity, collaboration

ELOISA VIDAL ROSAS

Psicóloga clínica, terapeuta de família e casal, mestra em Comunicação (UFRJ), facilitadora de processos coletivos, coordenadora da formação em Terapia de Família no Instituto Noos
e-mail: eloisa.vidal@gmail.com

Recebido em 29 de março de 2011.

Aprovado em 19 de abril de 2011.

APRESENTAÇÃO

A prática de tratar problemas psicológicos no contexto da família não teve início até meados dos anos 1950. Entretanto, as raízes que deram lugar ao desenvolvimento da terapia de família tiveram origem nas mudanças teóricas e sociais que impactaram o campo da psicologia na época. A terapia de família escapou do paradigma reinante da psicanálise e do modelo médico psiquiátrico, expandindo as fronteiras dos enfoques individualistas para visões mais ampliadas do sofrimento humano.

Na modernidade, especialmente na primeira metade do século XX, as narrativas científicas em geral conseguiram um status privilegiado em comparação com outros tipos de relatos, como os de ficção, conseguindo dessa maneira uma legitimidade ilusória, já que todo relato se refere a uma comunidade linguística em que se origina e que constrói os parâmetros, categorias e critérios que o tornam “aceitável” ou estrangeiro a essa comunidade (Fuks, 2009). A atenção ao estudo da linguagem, que culminou com o assim chamado “giro linguístico” (Ibáñez, T., 2004), provocou uma mudança profunda no campo da psicoterapia, principalmente o da terapia de família. “A utilização das ideias construcionistas tem se concretizado com propostas de intervenção marcadas por uma nova descrição

da postura do terapeuta e do processo terapêutico” (Rasera & Japur, 2007).

Este texto é resultante de processos que nasceram da prática clínica, recortes de “teorias em uso” e descrições de ações informadas pela epistemologia que adoto. Quando menciono “teorias”, me refiro àquelas que convidam a um estilo que genuinamente aprecia a sabedoria do outro, tomando em conta seu sofrimento, assim como suas possibilidades, conhecimentos, experiências, habilidades, voltadas para facilitar um processo de construção conjunta de novas alternativas e não aquelas que legitimam ou justificam descrições orientadas a “curar”, “consertar” um “déficit”.

A partir da aparição das perspectivas narrativistas, as intervenções clássicas, que são parte da tradição da terapia familiar, passaram a ser consideradas como formas de se posicionar (Harré, 2004) e de participar das conversações terapêuticas “que deveriam nos levar de um lugar de mal-estar para um de bem-estar emocional; de incompetência ou paralisação para outro de competência e possibilidade de ação; de isolamento à participação: de desqualificação à legitimação de nosso modo de existir”. (Cruz & Righetti, 2008).

Em vez do sujeito que se constitui de modo independente de suas relações da psicologia moderna, a psicologia pós-moderna descreve uma pessoa entrelaçada às comunidades de pertinência ou conjuntos de relações. Assim, participar e influenciar em um processo é diferente de olhar o problema “desde fora”, como se imaginava possível em uma epistemologia que na metáfora cibernética denominamos “de primeira ordem”. Este relato não pretende ser um relato objetivo,

mas um produto de como minha participação neste processo se transforma em uma descrição do mesmo, que tenta incluir tanto a minha própria perspectiva como a de aqueles com quem compartilhamos a experiência.

A clínica de onde falo tem uma origem sistêmica, neste momento marcada pelas influências das chamadas “terapias pós-modernas” ou “abordagens conversacionais narrativas”, baseadas numa epistemologia construcionista social como organizadora de reflexões, propostas, posturas. Algumas formas de terapia “especialmente apropriadas à sensibilidade do construcionista com relação às múltiplas realidades” (Gergen, 2010), tais como os Processos Reflexivos, desenvolvidos por Tom Andersen (1996), as Práticas Narrativas desenvolvidas por Michael White e David Epston (1986, 1988, 1992) e as Práticas Colaborativas, por Harry Goolishian e Harlene Anderson (1987, 1994), entre outras, são fontes de inspiração para esse trabalho.

COM QUANTOS CONTOS SE CONTA UMA HISTÓRIA?

O que conto a seguir é um momento de minha atividade clínica em psicologia como terapeuta de famílias com crianças e como formadora de outros terapeutas nesta área. Assim como o arqueiro zen (Herrigel, 1987), acredito que a técnica, incorporada recursivamente, torna-se parte de um todo composto por crenças, afetos, saberes em ação, sonhos, obstáculos: presenças. (Fuks, 1993).

Relato a seguir trechos de um atendimento que se deu na Clínica Social do Instituto Noos**. A Clínica atende*

* Os nomes dos clientes foram trocados para preservar o anonimato. Os responsáveis, pai e mãe, deram sua permissão por escrito para utilização de trechos de nossos encontros e reprodução dos desenhos.

** O Instituto Noos é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, e está sediado na cidade do Rio de Janeiro. Desde 2001, é considerado de Utilidade Pública Federal. Sua missão é contribuir para a promoção da saúde das relações familiares e comunitárias da população brasileira, através da difusão de práticas sociais sistêmicas a partir dos resultados obtidos em seu centro de ensino, pesquisa e atendimento.

àquelas famílias que se encontram em dificuldades econômicas. Esse atendimento foi feito em coterapia com Jorge Bergallo, psicólogo e docente da formação em terapia de família, com participação de equipe* formada pelos alunos da turma no segundo semestre de formação.

1ª entrevista telefônica: O contato inicial é feito após os clientes comparecerem a um encontro da Sala de Espera**, onde preenchem uma ficha com os dados e participam de dinâmicas de esclarecimento sobre o trabalho na instituição, sobre a metodologia, e é também uma oportunidade para tirar dúvidas sobre a pertinência desse tipo de terapia. A partir desse momento, os profissionais que trabalham nesse projeto encaminham para atendimento pela equipe que pareça ser a mais adequada ao problema trazido.

Na situação que estou relatando, quem veio à Sala de Espera foi a mãe, Maria, de 45 anos, indicada por uma amiga psicóloga – Maria também é psicóloga mas trabalha como professora em escola estadual.

Entro em contato por telefone com Maria, que relata algumas preocupações em relação ao filho de 9 anos, Pedro. Na conversa, conta que está separada do pai de Pedro há três anos. O filho não consegue dormir sozinho no quarto, tem medos. Acha que ele tem dificuldade em se comunicar com o pai. Depois que este – Paulo, 46 anos – se casou novamente, Pedro não demonstra vontade de ir a casa dele.

Algumas perguntas foram feitas pelo telefone para ampliar a minha compreensão do problema e como início do trabalho de construção do contexto.

- O que ela imagina que a colega que encaminhou pensou ao sugerir a te-

rapia de família?

- O pai já está a par da situação?
- Que outras pessoas são importantes nessa rede familiar?
- O que ela pensa sobre o problema e como imagina sua dissolução?

Uma convicção minha que não mudou muito ao longo do tempo em que trabalho com famílias foi a respeito da entrevista telefônica. Continuo achando esse procedimento tão útil como antes, e a experiência foi sempre confirmando a utilidade da conversa ao telefone para criar um contexto que facilita o primeiro encontro, amplia a troca de informações e inicia uma conexão economizando tempo. Dentro de nossa maneira de contextualizar as consultas, quando se trata de crianças, costumo convidar os pais ou os responsáveis para um primeiro encontro sem a presença daquelas. Acredito que esse formato ajuda a construir algumas fronteiras do que é útil ser ou não dito na presença dos filhos, do papel de cuidadores dos responsáveis. Nos primórdios da terapia de família, alguns terapeutas não admitiam começar uma terapia sem a presença de toda a família. Do meu ponto de vista, já se tem habitualmente muitas variáveis para serem cuidadas; alguns parâmetros, tais como o que deve e o que não deve ser dito na frente das crianças, podem ser compreendidos e negociados sem a presença destas. Apesar da minha crença de que tudo pode ser dito de uma forma que o outro possa ouvir, antes de conhecer as pessoas não posso apostar que as reflexões dos pais sobre as crianças sejam colocadas sem muitas críticas ou julgamentos. Essa é uma escolha minha, que me situa com mais conforto para uma primeira entrevista.

* Os alunos que participaram desse atendimento: Fernando Rebello, Eliane Tabak, Maria Fernanda Amaral, Marisa Lopes, Michel Robim, Monica Tavares, Monica Costa, Sol Friedman. Era o primeiro atendimento em que participavam, no segundo semestre da formação. Por esse motivo não trabalhamos dentro dos critérios de uma equipe reflexiva segundo a proposta de Tom Andersen, mas incluindo algumas reflexões quando os participantes se sentiam seguros. As sessões com as famílias têm periodicidade quinzenal.

** Projeto desenvolvido desde 1998 para acolher as famílias que procuram atendimento na Clínica Social. Este processo já foi descrito em artigo anterior, "A história contada e vivida", Nova Perspectiva Sistêmica.

Maria me surpreende ao afirmar que imaginava a terapia para ela e o filho apenas – a busca era por terapia de família, e neste momento percebi o que ela queria dizer por “família”. Por sorte, esse começo cria a oportunidade para que eu me lembre que o que tomo por “óbvio” o é somente para mim! As experiências prévias, a cultura, as tradições pessoais, é que vão configurar as ideias, palavras e ações de cada um(a). Nossas escolhas são moldadas largamente pelos significados que atribuímos aos eventos e pelas opções que consideramos. Converso sobre o que seriam as vantagens e desvantagens de uma ou outra decisão e ela concorda em que eu entre em contato com Paulo para convidá-lo, apesar de parecer um pouco descrente de que essa fosse a melhor decisão.

Quando entro em contato com Paulo, ele afirma que está esperando uma oportunidade dessas há muito tempo.

Muitas vezes nos deparamos com um terreno onde temos que pisar cautelosamente, já no primeiro contato, para que possamos prosseguir com alguma “segurança”. Casais separados frequentemente tendem a manter a separação também como pai e mãe, os responsáveis, criando obstáculos à participação de um ou de outro. Há uma confusão, nesses casos, dos lugares de companheiro(a) e pai/mãe, e nas conversas prévias sobre estes temas podemos tentar priorizar as necessidades da criança, chegando a algum acordo onde todos se sintam ganhando, terapeuta e clientes. A partir dessa compreensão, considero muito arriscado começar uma terapia envolvendo uma criança sem que todos os responsáveis estejam cientes: a criança pode ficar

remetida a um conflito de lealdades, tendo que omitir esse fato do pai ou da mãe, ou mesmo mentir. Mesmo quando a guarda é de um dos genitores, o outro conserva seu direito de saber o que se passa com o filho – a mãe/pai podem chegar a fazer uma queixa oficial na justiça, se sentirem enganados ou excluídos.

CRIAÇÃO DE CONTEXTO

Os processos de mudança e transformação, razão de ser da terapia, necessitam de cuidados para transcorrerem de forma satisfatória para todos os envolvidos no sistema terapêutico. Há alguns anos, a metáfora da bússola me auxiliava a traçar um caminho preferido para uma direção preestabelecida; as minhas transformações epistemológicas, perpassadas pela certeza de que a minha única certeza é que não há uma certeza, são, atualmente, mais coerentes com a metáfora do GPS (Global Positioning System): a partir dessa metáfora, posso imaginar que o máximo que posso conseguir é tentar averiguar “onde estamos?”. Essas coordenadas se tornam importantes para construir um lugar de mínima segurança: clareza de critérios, parâmetros de confiança – que me permite navegar pela incerteza – descrições compartilhadas e acordos sobre as metas. É desse lugar que podemos partir – o cliente e eu – para a aventura da terapia, apropriando-nos da liberdade para encontrar novas alternativas. Na forma em que o apresento, estou me referindo a um “ideal”: às vezes, nos vemos convocados a partir no meio da turbulência e tentar adquirir uma certa estabilidade já navegando!

Desde essa perspectiva, em se tratando de terapia com crianças, esse desenho comporta complexidades que devem ser cuidadas. Muitas vezes, os pais se sentem quase “obrigados” a levar suas crianças a uma terapia, seja por orientação/imposição da escola, seja por recomendação do pediatra, do juizado de menores ou de um especialista que esteja cuidando de algum aspecto que requer atenção. Vozes que se impõem pelo seu “saber” ou poder, e que, muitas vezes, não discutem com pai e mãe ou responsável os motivos do encaminhamento. Além disso, a grande maioria pensa que entregando sua criança a uma especialista terá quem cuide dela e já terá cumprido o seu papel de pais amorosos. Tendo em conta essa construção, muitos aspectos e relações devem ser esclarecidos antes mesmo da entrevista presencial inicial através do contato telefônico.

A terapia foi realizada em nove encontros. A seguir, um resumo das sessões e dos temas abordados.

A primeira sessão só com os pais (7/08/09)

Os pais de Pedro chegaram separados à primeira sessão, sendo que Paulo chegou um pouco atrasado. Depois das apresentações de costume – os terapeutas, a equipe reflexiva –, iniciamos uma conversa exploratória, tentando localizar os pontos em que concordam e as diferentes ideias que eles têm sobre o que seria “o problema” e suas possíveis soluções.

Os temas que surgiram nessa primeira sessão:

- *Maria conta que Pedro descreve uma sensação como um “quadrado com um furo no meio, que me tortura”;*

- *Pedro frequenta uma escola bastante conceituada, que foca no processo e nas relações;*
- *Pedro tem medo de dormir sozinho;*
- *As famílias extensas não são numerosas – Maria não tem mais pai nem mãe, conta que foi uma criança adotada; Paulo tem mãe e um irmão;*
- *Paulo se casou novamente há aproximadamente seis meses.*

AVALIAÇÃO PARTICIPATIVA

Saber “onde estamos” implica uma avaliação da situação, construída colaborativamente através de um modelo de entrevista reflexiva/apreciativa (Cooperrider & Whitney, 1995). A proposta é chegar a uma visão compartilhada do “problema” para que possamos chegar a uma perspectiva compartilhada das “soluções”. A tarefa de elaborar um diagnóstico sobre a situação é um esforço conjunto de todos os envolvidos no “sistema determinado pelo problema” (Golishian, 1989) para compreender e construir uma descrição – uma “teoria local” (Geertz, 2001) – sobre a experiência que está sendo vivenciada. A partir desse relato é que se organiza qual será o papel do terapeuta e de todos os participantes para a dissolução do problema que originou a consulta – e do sistema terapêutico determinado pelo problema. Todos os “coadjuvantes” podem e devem, para maior riqueza da rede de conversas, ser convidados, tanto os que podem colaborar para a manutenção do problema quanto aqueles que podem contribuir para dissolvê-lo. O trabalho sobre histórias e narrativas – sua desconstrução e sua reformulação – são maneiras de participar dos

relatos que desempenham um papel central (Myerhoff, 1986).

Pedimos aos pais que nos digam “o que precisa acontecer para que esta terapia seja bem-sucedida”. A mãe responde: “Pedro se sentir seguro para dormir sozinho” e o pai comenta que “dormir sozinho seria um resultado desejável, temos que melhorar a qualidade da situação”.

Como era o primeiro atendimento dos alunos no lugar de participantes de equipe reflexiva, pedimos a eles que procedessem como se a família ainda estivesse presente, depois que se foram, para falar das ressonâncias (Elkäim, 1990) e pensamentos que haviam surgido durante a sessão. Contos pessoais que se mesclam aos contos contados, múltiplas narrativas que se entrelaçam: os membros da família, terapeutas, equipe.

Palavras que surgiram:

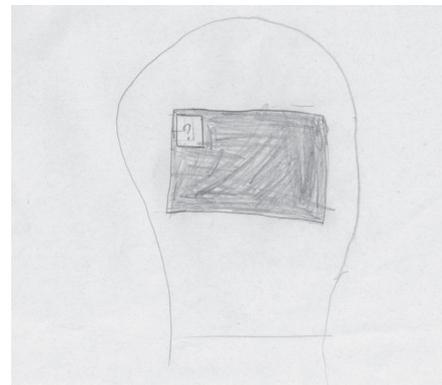
- aliança com o pai;
- sensação de postura um pouco agressiva da mãe em relação ao pai;
- o pai se fazendo de “invisível” quando a mãe falava muito;
- controle, afogamento, prisão;
- emoção, identificação;
- surgiu um ditado: “no limite entre o cerrado e a mata, há que se chegar em silêncio...”

Segunda sessão com os pais e primeira com Pedro (21/08/2009)

Pedro é um menino magro, alto para a idade, se parece fisicamente mais com o pai. Inicialmente demonstra timidez, quase não escutamos o que fala. Vamos conversando um pouco, sabendo que muitas vezes as crianças têm dificuldade para falar, como se não tivessem muita seguran-

ça do que pode ou não ser dito, e vão se soltando ao perceberem que não estamos fazendo julgamentos, que somos genuinamente interessados e curiosos por entender como corre sua vida, os amigos, a escola. Depois de algum tempo vai se soltando mais, ficando mais confiante.

Traz espontaneamente o assunto do “quadrado”: “uma parte da minha vida tinha sumido e o quadrado foi aumentando...” (sic). (Quando pergunto quais são os inimigos do quadrado, responde que a brincadeira é o inimigo, porque “rio e esqueço”). A prática linguística da externalização (White, 1988), que separa a pessoa do problema, é uma maneira lúdica de motivar as crianças a enfrentar e diminuir as dificuldades. Perguntamos se gostaria de fazer um desenho que representasse seu problema, e ele o faz prontamente. (fig. 1)



Que linda metáfora, repleta de significados! Temos que fazer um esforço para não cair na tentação de interpretações: esse “quadrado” tem dono, é de Pedro! Explicação para o sofrimento, para a angústia, para a paralisação? Ou outros significados singulares que nos surpreenderão? Um dos pressupostos que guiam a minha curiosidade é a crença de que os clientes são os especialistas nas suas vidas (Goolishian & Anderson, 1989); são eles que co-

nhecem sua história, os caminhos possíveis, e detêm a experiência relevante para abordar a situação problemática. Assim, vejo atualmente meu papel menos como uma “terapeuta” ou “curadora” e mais como uma facilitadora de processos e conversas criativas. Para manter viva em mim a “neutralidade”, e para que essa postura me aproxime do interlocutor, lanço mão de dois recursos: a ideia da neutralidade como um estado de curiosidade (Cecchin, 2004) – enquanto me mantenho curiosa, não fecho uma “verdade” – e a ideia da neutralidade como uma técnica. Segundo Michael White (1986), “... a neutralidade no contexto tem um significado. Por isso e porque as crenças e os valores do/a terapeuta não podem ser enterrados, eu compreendo que neutralidade é só um nome de uma técnica.” (p. 181). Continuamente nos surpreendemos com como as crianças podem ser cheias de recursos, responsáveis e efetivas ao se confrontar com problemas. A linguagem externalizadora separa a criança do problema e permite uma abordagem mais leve ao que é considerado “negócio sério”. A brincadeira entra na terapia de família quando conectamos o relacionamento entre uma criança e o problema.

Neste momento, surge a ideia de perguntarmos à equipe reflexiva se teriam algumas ideias que pudessem ajudar o Pedro a lidar com o “quadrado”.

IDEIAS DA EQUIPE REFLEXIVA

- *Dar nome ao quadrado e conversar com ele.*
- *Tentar encontrar aliados para lidar com o quadrado.*
- *O quadrado como um antagonista num jogo de videogame: como passar para uma fase mais difícil?*

- *Pedir abraços aos pais e/ou pessoas em quem confiasse nos momentos mais difíceis.*

(Enquanto os integrantes da equipe falavam, Pedro anotava cuidadosamente todas as ideias em um papel.)

Alguns instrumentos ligados ao que denominamos terapias pós-modernas surgiram durante a entrevista com o intuito de facilitar a conversa: a inclusão da equipe reflexiva (Andersen, 1996), a externalização do problema (Roth & Epston, 1996), as metáforas lúdicas (Epston, 2001). Um “problema”, como tal identificado pela família, pode ter raízes pessoais, psicológicas, socioculturais ou biológicas – ou mais frequentemente, uma mistura de todos. Muitas vezes, as pessoas jovens e suas famílias não têm controle sobre certo “problema” existir em suas vidas. Mas, mesmo assim, a maneira como convivem com esse “problema” ainda é sua escolha. Segundo Roth e Epston: “Em contraste com a prática cultural e profissional de identificar a pessoa como o problema ou o problema estando dentro da pessoa, este trabalho descreve o problema como externo à pessoa. E o faz não só com a convicção que o problema é objetivamente separado, mas como uma contra prática linguística que torna disponíveis construções mais libertadoras.” (p. 3) Pedro nos dá a pista, ele próprio já transformou seu problema em um “objeto”, podemos ajudá-los a pensar em como lidar com ele para que interfira menos em suas vidas!

Terceira sessão (04/09/2009 - Pedro e os pais)

A mãe conta que ele deu nota para a sessão anterior, 4 num total de 5, quan-

do ela perguntou se ele havia gostado, incluindo que provavelmente da próxima vez a nota aumentaria. Na quarta feira anterior, dia 02/09, ele havia perguntado se haveria “assembleia” na sexta-feira. Continuamos a explorar as possibilidades de lidar com o “quadrado”. Pedro traz um desenho para nos mostrar (fig. 2), o que ele entende como “um dos alimentos do quadrado”.



Entendemos como um pedido de ajuda, como se nos sinalizasse que esse tema poderia ser incluído. Perguntamos se é assim e ele concorda, o que encaminha a conversa para a comunicação entre Maria e Paulo, os cuidados que poderiam tomar para não incluir Pedro em suas negociações e ainda o tipo de comunicação que ele gostaria que existisse entre a mãe e ele, entre o pai e ele. Os pais se surpreendem ao saber a influência de suas discussões no humor de Pedro.

Fuks (2004) se refere à terapia como um “artesanato de contextos”. Comportamentos inadequados, ações que levam ao sofrimento, aquilo que anteriormente chamávamos de

“sintoma”, ocorrem em determinado contexto. Assim, a transformação vai ocorrer, talvez com impactos diferenciados, para todos os que transitam nesse cenário. Keeney (1987) refere-se a uma “estética”, introduzindo um conceito que não aponta para o julgamento do que é certo e do que é errado, mas para uma “arrumação” harmoniosa. É um organizador precioso para mim, quando me sinto demasiadamente atraída por alguma ideia do que seria “o melhor”, o que para mim implicaria no risco de diminuir minha liberdade em explorar opções. O termo “estética” vem de aisthesis, “sentir com”. O contrário disso é anestesia, “não sentir com”. “A estética é a ciência que cuida das constelações simultâneas do sentir” (Castiel, 1996, p. 225).

Quarta sessão (18/09/2009 – Maria e Paulo)

Já que nessa data anteriormente marcada, Pedro tinha uma atividade na escola, os pais vêm sozinhos. Fazemos uma retrospectiva dos encontros. Maria e Paulo estão um pouco tensos, trazem questões da época da separação. Troca de acusações.

Os pais, de maneira geral, não vêm com seus filhos à terapia para resolver seus problemas, mas inevitavelmente chegamos a pontos sensíveis do passado que ainda não se dissolveram. Nós, terapeutas, temos que ter delicadeza e pedir licença quando esses temas aparecem. As histórias de vida estão em contínua construção. Alguns problemas são complexos, devidos a fatores múltiplos. Isso não quer dizer que as relações não possam se harmonizar.

Quinta sessão (02/10/2009 – Maria e Paulo)

Pedro não pôde vir outra vez (segundo Maria, ele denominou “faltas” às suas ausências). As conversas entre os pais adquirem, a nosso ver, um colorido diferente. Eles acham que Pedro está lidando com mais leveza com o “quadrado”. Parece que fala mais também. O clima de acusações mudou para um mais colaborativo, onde o foco é a preocupação com Pedro e com suas questões. Exploramos a rede de participantes da vida de Pedro que podem ajudar a sustentar as diferenças conseguidas por todos, para que esse conjunto de pequenos esforços se transforme numa mudança. “A diferença que ocorre através do tempo é o que chamamos de mudança” (Bateson 1972, p. 452). “Minha convicção é que as relações terapêuticas se mantêm com aqueles que são verdadeiramente importantes nas vidas das pessoas fora da consulta; e é assim que deve ser” (Payne, 2002, p. 28).

Muitas vezes não sabemos o “que” exatamente favorece a mudança. Mas apostamos que as redes de conversas facilitadas na terapia possam servir de modelo para outras conversas no cotidiano. De alguma maneira, Maria e Paulo começam a se comunicar mais diretamente.

Sexta sessão (Pedro e os pais – 16/10/2009)

Parece que o “quadrado” diminuiu de tamanho, mas ainda preocupa. Usamos a metáfora de times de futebol, eles são torcedores de times diferentes. Pensamos no “Pedro Futebol Clube”: os jogadores de clubes diferentes jogam na mesma seleção nacional para enfrentar o time adversário. Eles têm a oportunidade de jogar no

mesmo time quando se trata de montar uma seleção para cuidar de Pedro.

Surge na conversa a proposta de uma sessão com Pedro e Maria e outra com Pedro e Paulo, a partir de alguns temas sobre a convivência no cotidiano.

Sétima sessão (Pedro e Maria – 30/10/2009)

Uma técnica que julgamos muito útil é o desenho da casa (Almeida, 2000). Muito simples, os membros da família recebem papel, cada um escolhe uma cor de caneta hidrográfica e a instrução é desenhar a planta da casa onde moram. Como em todo jogo, há regras: cada membro tem que usar apenas uma cor todo o tempo, o(s) terapeuta(s) não se envolve(m), avisa(m) que vai dar vinte minutos para a tarefa. A dinâmica comunicacional pode ser observada: quem toma a iniciativa, quem organiza, quem “ocupa” mais espaço. Terminado o tempo previsto, conversamos sobre o desenho, os sentimentos que surgiram, o que eles mesmos observaram de suas interações. Foi uma oportunidade para que mãe e filho conversassem sobre o uso dos espaços na casa, os incômodos. Quanto à dificuldade para dormir sozinho, Maria pela primeira vez fala que também tem medo de dormir sozinha e que acha que não ajuda muito Pedro nesse sentido. Formulam juntos alguns dispositivos de mútua ajuda de “crescimento”, segundo as palavras de Pedro. O nome da casa: A Melhor Casa.

Oitava sessão (Pedro e Paulo – 13/11/2009)

Utilizamos o mesmo jogo do desenho da casa, e, a partir daí, Pedro e Pau-

lo também têm oportunidade de falar sobre a convivência e incluir a mulher de Paulo, Rosa, como personagem desse “lado da família”, que é como Pedro fala. O nome da casa: Casa Aberta. Aqui nos chama a atenção a forma positiva como Pedro batiza as duas casas.

Nona sessão (Maria e Paulo – 27/11/2009)

Com a proximidade do aniversário de Pedro, os pais decidem vir sozinhos, já que nos anos anteriores as negociações foram muito difíceis. Pedro fica sempre muito tenso, porque adora comemorar o aniversário, mas teme o conflito entre os pais. Ficaram refletindo sobre o desenho que Pedro havia feito (fig. 2) e, com a facilitação dos terapeutas e da equipe, conseguem chegar a um acordo sobre que tipo de festa poderiam oferecer, a partir dos desejos que o filho já havia manifestado. Combinam que, de agora em diante, irão alternar a responsabilidade da organização da festa de Pedro.

Surge a ideia de comemorar ali no espaço terapêutico, como encerramento, o aniversário de Pedro, já que a última sessão está marcada para essa data.

Décima sessão (Pedro, Maria e Paulo – 11/12/2009)

Aniversário de Pedro – Avaliação, despedidas e festa.

A família chega. Contam-nos contos de mudança. Não contos perfeitos, idealizados. Contos de transformação, de desejos ainda não realizados, de desencontros... contos de esperança. Comemoramos com as bolas coloridas, os

refrigerantes, o bolo trazido pela equipe que participou durante todo o processo. Com alegria, com incerteza; com confiança, com dúvidas; com entusiasmo, com pessimismo. Com todos esses ingredientes que compõem a massa da vida.

CONCLUSÃO

“Como você participa na vida do problema?” (White, 1988) foi uma das perguntas mais instigantes quando eu ainda era uma terapeuta iniciante, e continua sendo um orientador.

“O que podemos transformar são as ações, não os rótulos” (Andersen, 1996). Ou seja, as relações que as pessoas mantêm com o problema.

Muitas vezes nos esquecemos que as conversas moldam novas realidades. A isto chamo “mágica”: mágica quer dizer transformação, e a mágica que fazemos na vida, à diferença dos contos de fadas, exige esforço, determinação e tempo. Não é instantânea. Coconstruindo pontes de significado com as crianças, entre estas e seus responsáveis, facilitamos a passagem do lugar de mal-estar para um bem-estar a que nos referimos no início deste artigo. Essa é a minha responsabilidade, que contém tudo o que vivi na minha vida de estudo e treinamento, como terapeuta e como pessoa de uma maneira geral. Quando percebo uma mudança que gera outras mudanças, no presente, no passado e no futuro na vida dos clientes (que também geram mudanças na minha própria vida), isso me alenta e emociona: significa uma transformação na “herança” que será legada para outras gerações. Estas experiências múltiplas compõem a minha bagagem, onde posso procurar ferramentas que me

forneçam pontos de apoio para que nos sustentemos mutuamente, terapeuta e clientes, e para que não corramos a buscar a segurança quando surge a incerteza, a imprevisibilidade, a instabilidade, matérias-primas para a mudança e a transformação, vicissitudes. Como um jardineiro fiel, nosso ofício é tentar manter os espaços onde os brotos conquistados de esperança possam ganhar força, crescer e florescer.

PÓS-ESCRITO

Ainda ao escrever este artigo envie uma mensagem para Maria, lembrando que há um ano estávamos encerrando o processo terapêutico e comemorando o aniversário de Pedro. Ela respondeu prontamente, transcrevo alguns trechos abaixo. Depois lhe pedi o endereço de Paulo, a quem também enviei uma curta mensagem.

Eloisa, que bom q você entrou em contato. Já transmiti seu recado ao Pedro, que ficou atento e... não disse nada, como é do jeito dele.

Conforme combinamos, esse ano quem está organizando o aniversário dele sou eu... Esse ano será somente a maratona de passar um dia com amigos no clube e depois um parabéns na casa do pai ou na minha. Fizemos tudo de forma tranquila. O Paulo separou e acho que teve que lidar com algumas coisas que de uma forma ou de outra, o fizeram refletir... a atitude dele mudou. Somos como somos. Mas já até pude conversar com ele sem me sentir na retranca. Pedro está super bem, nesse aniversário a metade dos convidados são meninas (ano passado só tinha menino). Outro dia ele ponderou que este

ano chorou só algumas vezes na casa do pai. Descobri que meu filho é dramático como eu. Fui até falar com ele sobre isso – que ele não precisava ser assim e tal – e ele disse que sabia que era assim, como eu, e não tinha problema, era só jeito. Acho que os resultados foram bons. Fico um pouco preocupada ainda porque ele é muito quietinho na escola e não queria ser e aqui em casa não é nada quietinho. Mas isso pode mudar. O quadrado sumiu. Um dia ele falou nele, conversamos e não apareceu mais. Bom saldo, não é?

Manda um beijo para todos e diga que eu agradeço muito.

Ah! Esse ano Pedro ficará comigo no Natal e passaremos o primeiro Natal juntos com minha meia-irmã, a tia Lucinha. Ele ficou mais feliz do que eu esperava. Ele sempre falava disso, que queria passar o Natal com minha família também.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, T.** (2000). A nossa casa. In H. Cruz (org.) *Papai, mamãe, você... e eu?* São Paulo: Casa do Psicólogo.
- ANDERSEN, T.** (1996). *Processos reflexivos*. Rio de Janeiro: Noos.
- ANDERSON, H.; GOOLISHIAN, H.** (1993). O cliente é o especialista: uma abordagem para a terapia a partir de uma posição de não saber. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 2(03), 08-24.
- CASTIEL, S.** (1996). Em busca de um terapeuta poético. In L.C. Prado (org.) *Famílias e terapeutas: construindo caminhos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- CECCHIN, G.** (1993). De la estrategia a la no-intervención: hacia la irreverencia en la practica sistémica. *Sistemas Familiares*, 9(3).

- _____. (2004). Nova visita à hipotetização, à circularidade e à neutralidade: um convite à curiosidade. *Nova Perspectiva Sistêmica*, XIII(24).
- COOPERRIDER**, D.L. (1995). Introduction to Appreciative Inquiry. In W. French & C. Bell (Eds.). *Organization Development*. Cleveland: Prentice Hall.
- CRUZ**, H., **RIGHETTI**, R. (2009). Terapia de Família com crianças pequenas. In Osorio & Valle (org.) *Manual de Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- ELKAÏM**, M. (1990). *Se você me ama não me ame*. São Paulo: Papirus.
- EPSTON**, D., **FREEMAN**, J., **LOBOVITS**, D. (2001). *Terapia narrativa para niños: aproximación a los conflictos familiares a través del juego*. Buenos Aires: Paidós.
- FUKS**, S.I., **VIDAL ROSAS**, E. (2009). “FSPC: La Facilitación sistémica de procesos colectivos. Una “Artesanía de Contextos” para la promoción de la creatividad, el acompañamiento de procesos participativos y la generación de relaciones de cooperación en el trabajo colectivo (grupos, instituciones, comunidades y redes)”. *Sistemas Familiares*. 25 (2).
- FUKS**, S. (2004). Craftsmanship of contexts: an yet unfinished story of my connection with CMM. In B. Pearce, J. Kearney. *Human Systems*. Special Edition: CMM Extensions and Applications, vol. 15 KCC (eds.), Londres, Guest, Issues 1-3.
- _____. (1993). Entrevista com Saúl Fuks. Entrevista realizada por R. Rapizo. *Ituy*, Rio de Janeiro: Noos.
- GEERTZ**, C. (2001). Saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa, Petrópolis: Vozes.
- GERGEN**, K. (2010). *Construcionismo social: um convite ao diálogo*. Rio de Janeiro: Noos.
- HARRÉ**, R. (2004). *Positioning theory*. Recuperado de <http://www.massey.ac.nz/~alock/virtual/positioning.doc>.
- HERRIGEL**, E. (1987). *A arte cavalheiresca do arqueiro zen*. São Paulo: Pensamento.
- IBÁÑEZ**, T. (2004). O giro linguístico. In: L. Iñiguez (coord.). *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Petrópolis: Vozes.
- KEENEY**, B. (1987). *La estetica del cambio*. Buenos Aires: Paidós
- MYERHOFF**, B. (1986). Life not death in Venice: its second life. In V. Turner & E. Bruner (eds.). *The anthropology of experience*. Chicago: University of Illinois Press.
- PAKMAN**, M. (1995). Investigación e intervención en grupos familiares: una perspectiva constructivista. In J.M. Delgado & J. Gutierrez (coords.). *Métodos y técnicas cualitativas de investigación em ciencias sociales*. Madri: Síntesis.
- PAYNE**, M. (2002). *Terapia narrativa: una introducción para profesionales*. Buenos Aires: Paidós.
- RASERA**, E., **JAPUR**, M. (2007). *Grupo como construção social: aproximações entre construcionismo social e terapia de grupo*. São Paulo: Vetor.
- ROSAS**, E.V. (2010). A construção do estilo do terapeuta: sobre bússolas e GPS. In: C. Ladiscat. *Psicologia: campo de atuação, teoria e prática*. Rio de Janeiro: Booklink.
- ROTH**, S., **EPSTON**, D. (1996). Developing externalizing conversations: an exercise. *Journal of Systemic Therapies*, 15(1), 5-12.
- SCHÖN**, D. (2000). *Educando o profissional reflexivo*. Porto Alegre: Artes Médicas.

WHITE, M. (1986). Negative explanation, restraint and double description: a template for family therapy. *Family Process*, 25(2).

_____. (1988). The process of questioning: A therapy of literary merit.

Dulwich Centre Newsletter, Winter, 8-14.

WHITE, M., EPSTON, D. (1992). *Experience, Contradiction, Narrative & Imagination*. Australia: Dulwich Centre Publications.